

## DO PÉ PARA A XÍCARA

Cafeicultores de municípios que ficam em região de uma cadeia de vulcões, nas proximidades de Poços de Caldas, querem selo de indicação geográfica para conquistar mercado gourmet

# Que tal um café vulcânico?

SEBRAE/DIVULGAÇÃO



O grão colhido nas lavouras plantadas em terras vulcânicas resulta em bebida mais encorpada

**PAULO HENRIQUE LOBATO**

De olho no crescimento do mercado gourmet tanto no Brasil quanto no exterior, cerca de 40 cafeicultores de pequeno e médio portes distribuídos em cinco cidades do Sul de Minas (Poços de Caldas, Andradas, Campestre, Cabo Verde e Botelhos) e em duas do Leste de São Paulo (Caconde e Divinolândia) se uniram e lançaram uma marca de grãos especiais, o Café Vulcânico. Os produtores já pleiteiam no Instituto Nacional de Propriedade Industrial (Inpi) o selo que garante a indicação geográfica da mercadoria, o que atesta a origem e reforça a qualidade da bebida.

O nome é uma alusão à geografia da região, pois os sete municípios estão no polígono de uma cadeia vulcânica. A indicação geográfica, que na prática é um selo que abre portas nos mercados internacional e nacional, é dividida em duas modalidades. A mais comum é a que atesta a indicação de procedência (IP). A mais rara é a denominação de origem (DO). Uma das principais diferenças é que o segundo selo garante uma relação

de características naturais e humanas encontradas essencialmente numa determinada área, a exemplo do que ocorre na França com os vinhos produzidos em Bordeaux e os espumantes de Champagne.

“O primeiro passo é conseguirmos a indicação de procedência. Futuramente, vamos trabalhar para buscarmos a denominação de origem”, disse Ulisses Ferreira, coordenador de Fomento Agropecuário da Prefeitura de Poços de Caldas. Ele é um dos profissionais que prestam consultoria aos produtores, organizados na Associação dos Produtores de Cafés Especiais da Região Vulcânica de Poços de Caldas.

Algumas regiões cafeicultoras do Brasil, como uma área mineira da Serra da Mantiqueira, já conseguiram o selo de indicação de procedência, mas apenas os produtores do Café Cerrado, marca que reúne 55 cidades do Triângulo Mineiro e do Alto Paranaíba, obtiveram a denominação de origem. O aval do Inpi ocorreu em dezembro passado. Os produtores do Café Vulcânico desejam o mesmo reconhecimento.

“Nosso café, acima de 80 pontos (nos critérios internacionais, o que o classifica como ideal para exportação), é naturalmente encorpado. Não precisa de blend (mistura usada para atingir o ponto de grão especial). Processado na máquina de expresso, apresenta 1,1 centímetro de creme, quase o dobro da média, que é de 0,6 centímetro. Esse é um quesito supervalorizado no exterior”, ressalta Marco Sanches, presidente da Associação dos Produtores de Cafés Especiais da Região Vulcânica de Poços de Caldas.

As lavouras dos associados estão em encostas de uma das caldeiras vulcânicas geologicamente mais ricas do mundo. Os especialistas atestam que fatores como altitude média entre 1 mil metros e 1,250 mil metros e a harmonia entre minerais vulcânicos com a mata atlântica e o clima subtropical conferem ao grão daquelas bandas um processo natural de maturação, o que garante combinações peculiares de aromas e sabores.

### ■ APROVAÇÃO INTERNACIONAL

Algumas sacas da commodity foram enviadas para países asiáticos. Compradores da Coreia do Sul fizeram mais de uma encomenda. “Ao importar os cafés que selecionamos na região, eles dispensam a prova”, ressalta o empresário Thiago Borba, responsável pelo controle de qualidade da Volcano Origin Coffees, comercial-exportadora de Poços de Caldas. Na prática, quando um comprador dispensa a prova de grãos, ele deixa claro que confia totalmente na qualidade do produto. A mercadoria também já foi enviada para Austrália, Estados Unidos e Japão.

Para conquistar outros mercados, alguns fazendeiros estão adequando as propriedades – muitas centenárias – a diferentes processos de certificação de café, como o Rainforest Alliance, UTZ, Certifica Minas e Orgânico. Outra estratégia é firmar parcerias com entidades como o Sebrae, além de instituições de ensino e o poder público. “A Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) já aprovou um aporte de R\$160 mil, o qual será usado em pesquisas”, informa Sanches.